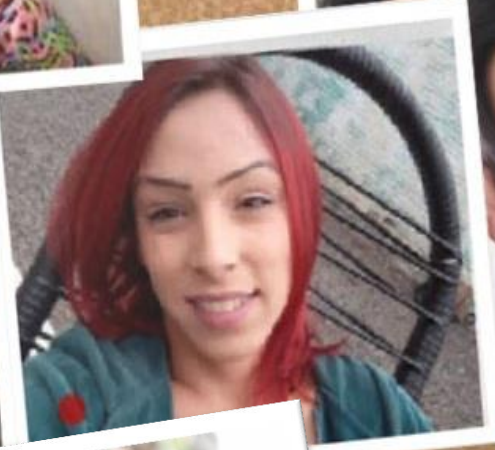


POPULAÇÃO LGBT MORTA NO BRASIL

RELATÓRIO GGB 2018



 facebook.com/DuMichels
HomofobiaMata.wordpress.com



GRUPO GAY DA BAHIA – GGB

MORTES VIOLENTAS DE LGBT+ NO BRASIL

RELATÓRIO 2018

Colaboradores

Feruchio de Oliveira - Design
Paul Beppler - Tradução
Deco Ribeiro – Aux. Pesquisa
Raphaell LS - Aux. Pesquisa
Wallace Mendes – Cálculos Estatísticos
GGAL – Grupo Gay de Alagoas (Nildo Correia)

Autores

Eduardo Michels – Pesquisa e Criação
Luiz Mott - Coordenação
Paulinho - Planilhas

Agradecimentos

Grupo Pela Vida – RJ
CEDS RIO - Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual do Rio de Janeiro
GGA – Grupo Gay de Alagoas

Aos jornalistas e meios de comunicação e todos os amigos e Lgbts do Brasil.



Sumário

Relatório 2018	1
Vítimas por Segmento	4
Gráfico por Idade	5
Gráfico por Cor	6
Distribuição por Profissão	7
Causa Mortis	8
Suicídios	10
Perfil Regional	13
Impunidade	18
Questões Polêmicas	19
Solução contra crimes homofóbicos	20
Informações do GGB	21
Calendário LGBTFOBIA	22

“A cada 20 horas um LGBT morre de forma violenta vítima da LGBTfobia, o que faz do Brasil o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais”.



420 LGBT+ (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) morreram no Brasil em 2018 vítimas da homolebotransfobia: 320 homicídios (76%) e 100 suicídios (24%). Uma pequena redução de 6% em relação a 2017, quando registraram-se 445 mortes, numero recorde nos 39 anos desde que o Grupo Gay da Bahia iniciou esse banco de dados.

A cada 20 horas um LGBT é barbaramente assassinado ou se suicida vítima da LGBTfobia, o que confirma o Brasil como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Segundo agências internacionais de direitos humanos, matam-se muitíssimo mais homossexuais e transexuais no Brasil do que nos 13 países do Oriente e África onde há pena de morte contra os LGBT.

E o mais preocupante é que tais morte nas últimas duas décadas: de 130 homicídio 2010, 445 mortes em 2017 e 420 no ano passado.

Durante os governos de FHC mataram-se em média 127 LGBT por ano; na presidência de Lula 163 e no governo Dilma 296, sendo que nos dois anos e 4 meses de Temer, foram documentadas em média 407 mortes por ano. Enquanto nos Estados Unidos, com 330 milhões, mataram-se no ano passado 28 transexuais, no Brasil, com 208 milhões de habitantes,

registraram-se 164 mortes: o risco de uma trans brasileira ser assassinada é 9 vezes maior do que as americanas.

*. **Tendências predominantes do relatório:** 420 LGBT+ foram vítimas no Brasil de morte violenta: 76% homicídios e 24% suicídios, 45% gays, 77% com até 40 anos, 58% brancos, predominam profissionais do setor terciário e prestação de serviços, 29% mortos com armas de fogo, 49% na rua, apenas 6% dos criminosos identificados.*

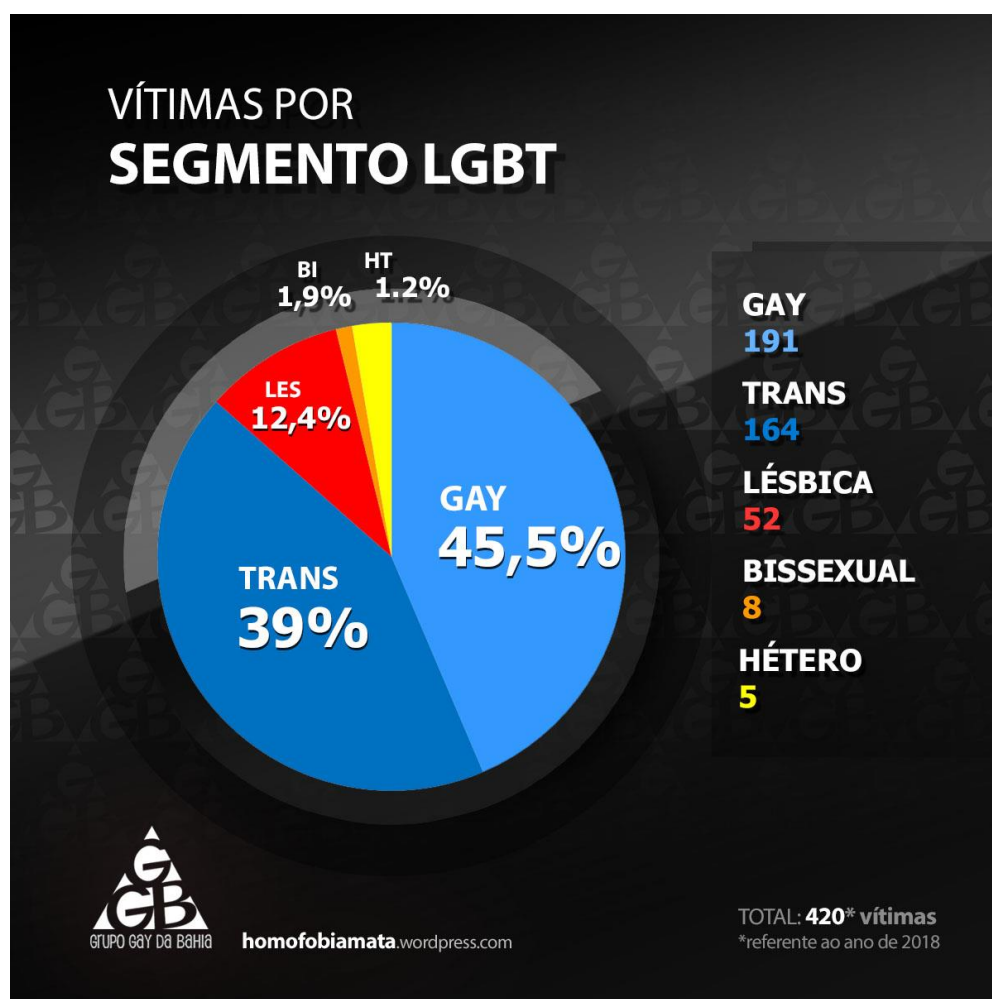
Suicídios de LGBT: 60% gays, 66% brancos, 84% com até de 30 anos, 15% enforcamento

Como se repete desde que o Grupo Gay da Bahia iniciou tal pesquisa, em 1980, em termos absolutos predominaram as mortes de 191 Gays (45%), seguido de 164 Trans (39%), 52 Lésbicas (12%), 8 Bissexuais (2%) e 5 Heterossexuais (1%). Justifica-se a inclusão destes heterossexuais, pois foram assassinados por serem confundidos com gays ou por envolvimento direto com a cena ou com indivíduos LGBT quando executados, razão pela qual incluímos o signo “+” após a sigla LGBT.

Em termos relativos, as pessoas trans representam a categoria sexológica mais vulnerável a mortes violentas. Sob o rótulo “trans”, foram incluídas 81 travestis, 72 mulheres transexuais, 6 homens trans, 2 dragqueens, 2 pessoas não-binárias e 1 transformista. Esse total de 164 mortes, se referidas a 1 milhão de pessoas trans existentes em nosso país, estimativa referendada pelas próprias associações da categoria, indicam que o risco **de uma pessoa trans ser assassinada é 17 vezes maior do que um gay. Já que o IBGE** não inclui no censo nacional o segmento LGBT, estima-se, com base em indicadores diversos da Academia e Governamentais, que exista no Brasil por volta de 20 milhões de gays (10% da população), 12 milhões de lésbicas (6%) e 1 milhão de trans (0,5%). “Quem discordar, que comprove o contrário”, costumam responder as lideranças LGBT...

O responsável e autor da pesquisa e sistematização do banco de dados da hemeroteca digital do site Quem a Homofobia matou hoje, <https://homofobiamata.wordpress.com/> o advogado Eduardo Michels, é categórico:

*“99% destes ‘homocídios’ contra LGBT têm como agravante seja a homofobia individual, quando o assassino tem mal resolvida sua própria sexualidade e quer lavar com o sangue seu desejo reprimido (motivada pela **homofobia individual internalizada**); seja a homofobia cultural, que pratica **bullying** contra lésbicas e gays, expulsando as travestis para as margens da sociedade onde a violência é endêmica; seja a **homofobia institucional**, quando os Governos não garantem a segurança dos espaços frequentados pela comunidade lgbt ou vetam projetos visando a criminalização da homolesbotransfobia. Mesmo quando uma travesti está envolvida com ilícitos como consumo de drogas, pequenos furtos, sua condição de “viado” (**cultura transfobica**) aumenta o ódio e a violência na execução do crime. De Norte a Sul do Brasil se ouve dizer: “viado tem mais é que morrer!” e pais e mães, repetem como o então Deputado Jair Bolsonaro, “prefiro meu filho morto do que homossexual!”*

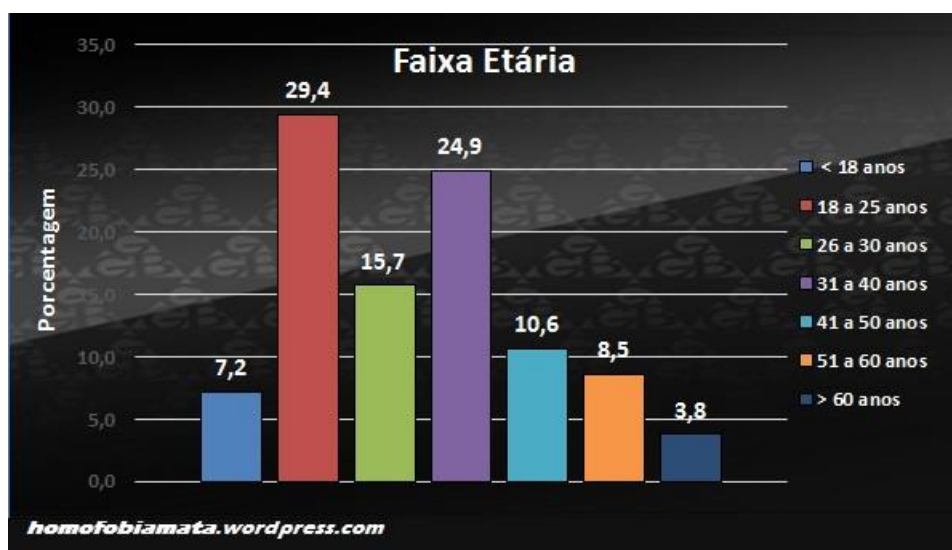


PERFIL DAS VÍTIMAS

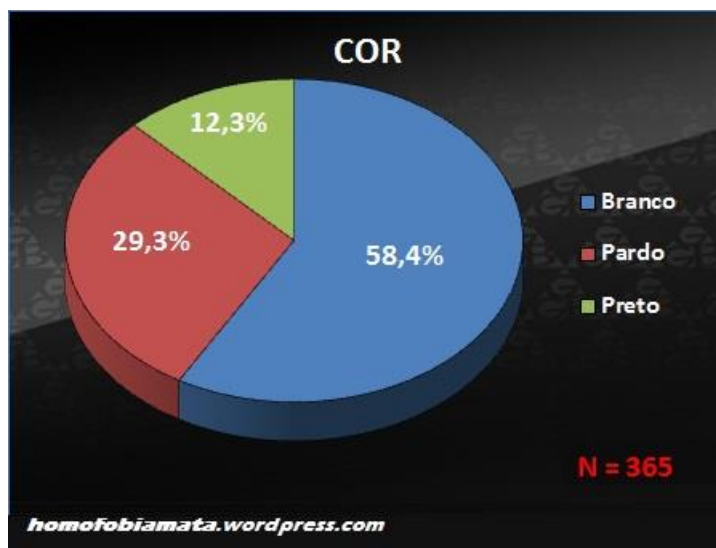
A violência física e psicológica anti-LGBT+ no Brasil atinge todas as cores, idades, classes sociais e profissões, e apesar de muitas reportagens sobre assassinatos omitirem informações básicas sobre as tal segmento, podemos reconstruir o seguinte perfil da vítimas:

Quanto à idade das vítimas, 11 dos LGBT (7%) tinham menos de 18 anos, o mais jovem, um pré-adolescente gay do Rio de Janeiro, que se matou com apenas 12 anos, por não suportar o bullying. Um Adolescente negro de 15 anos foi assassinado com uma facada na cidade de São José dos Ramos, na região da Zona da Mata paraibana quando tentou livrar o amigo homossexual que estava sendo insultado e agredido, o suspeito do crime fugiu após o homicídio. A transexual Kooeh Nikolly Silva, 16 anos, foi morta a pedradas numa rua em Cabo Frio (RJ).

Predominaram as mortes de jovens LGBT entre 18-25 anos (29%), sendo que 77% das vítimas tinham até de 40 anos: população predominantemente jovem, em idade produtiva e com sexualidade mais ativa. 11 LGBT assassinados eram da terceira idade, com mais de 60 anos, o mais idoso com 73 anos, encontrado morto em seu apartamento em Salvador, asfixiado, com as mãos amarradas com fio elétrico.



Em relação à cor das vítimas de LGBTfobia, constata-se a mesma regularidade dos anos anteriores, predominando 213 brancos (58,4%), seguidos de 107 pardos (29,3%) e 45 pretos (12,3%).



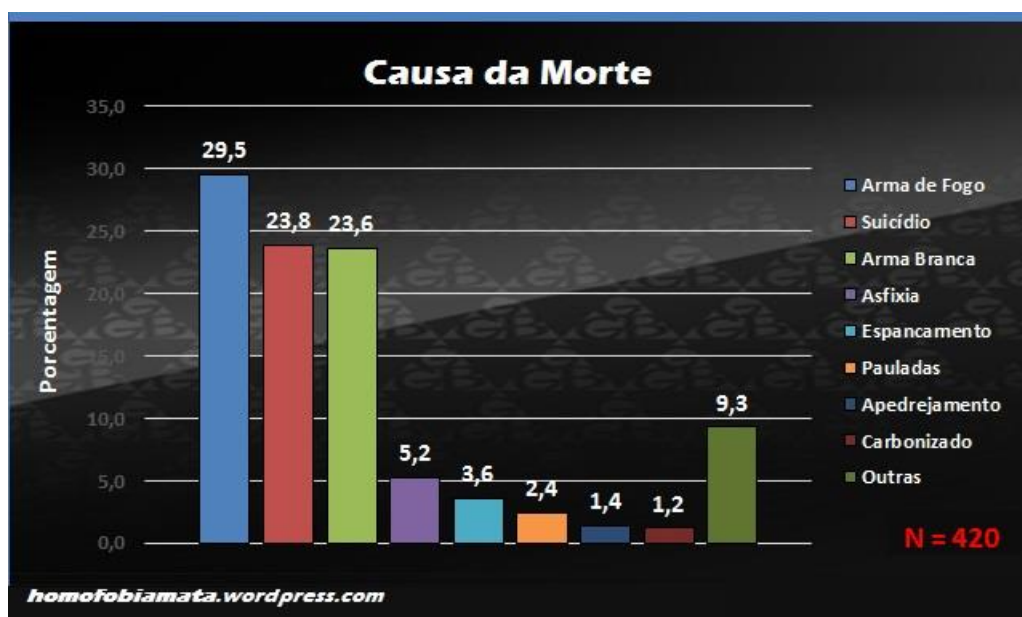
Tais dados destoam do perfil demográfico étnico-racial predominante na população brasileira, pois segundo o IBGE (2018) os pardos representariam nosso maior contingente populacional, 46,8%, seguidos dos brancos 43,6% e dos pretos, 8,6% dos nacionais. Tal discrepância reflete-se igualmente na distribuição de assassinatos se agruparmos nossa amostra em apenas dois segmentos: 41,5% LGBT não brancos e 46,8% LGBT brancos – sendo que de acordo com o Atlas da Violência 2018, 71,5% dos brasileiros assassinados por ano são pretos ou pardos, baixando para 41,5% entre os LGBT. Como explicar tal tendência criminológica? Será que os LGBT brancos, por pertencerem geralmente a estratos sócio-econômicos mais elevados, se tornariam mais vulneráveis a latrocínios, enquanto LGBT negros, oriundos de camadas mais populares, teriam maior habilidade para reconhecer e evitar riscos de eventual violência letal?

Ainda quanto ao perfil racial por categoria sexológica, observa-se leve superioridade de transexuais e travestis negras (47%), seguidas dos gays (48%) e das lésbicas (28%). Cai por terra, portanto, o mito que “a carne mais barata no mercado é a carne negra”, já que 52% das trans, em sua maioria profissionais do sexo, foram identificadas nas reportagens policiais ou nas fotos dos jornais como brancas e apenas 14% pretas. Porcentagens, aliás, praticamente iguais a do ano anterior, sugerindo tratar-se de tendência criminológica bastante regular.

Lastimavelmente, as informações constantes na mídia e nas redes sociais relativamente ao perfil demográfico das vítimas de LGBTfobia no tocante a atividade laboral são bastante lacunosas. Entre os mortos foram identificadas 38 diferentes profissões/ocupações, predominando vítimas ligadas ao setor terciário e prestação de serviços (vendedores, comerciantes, cabeleireiros, garçons, mecânicos), seguidos de LGBT+ ligados à cultura (professores, estudantes, artistas, dançarinos, músicos), em seguida vêm religiosos, profissionais liberais e pessoas relacionadas ao setor governamental: funcionários públicos, vereadores, policial, conselheiro tutelar, jornalistas, advogada, médico, biólogo, assistente social. Como diz tradicional slogan do movimento LGBT, “somos milhões e estamos em toda parte!”

Destacaram-se como profissões mais vulneráveis à violência sexual e/ou de gênero: 83 travestis e transexuais mortas na pista ou em locais usuais de prestação de serviços sexuais, 33 estudantes, 26 cabeleireiras, 13 professores, 10 pais de santo e padre, 7 comerciantes e 7 vendedores. Via de regra as vítimas ocupam situação sócio-econômica superior a seus assassinos.

A causa mortis dos assassinatos de LGBT+ registrados em 2018 reflete a mesma tendência dos anos anteriores, predominando o uso de 124 armas de fogo (29,5%), seguida por 99 armas brancas perfuro-cortantes (23,6%) e 97 de mortes provocadas por agressões físicas (23,1%): espancamento, asfixia, pauladas, apedrejamento, corpo carbonizado, entre outras.



Marcelo Cerqueira, Presidente do GGB, também é incisivo ao justificar a inclusão de assassinatos e mortes de todos LGBT neste relatório anual: “Quando o Movimento Negro, os Índios ou as Feministas divulgam suas estatísticas letais, não se questiona se o motivo de todas as mortes foi racismo ou machismo. Porque exigir só do movimento LGBT atestado de homofobia nestes crimes hediondos muitas vezes cometidos com requintes de crueldade? Ser travesti já é um agravante de periculosidade dentro da intolerância heteronormativa e machista dominante em nossa sociedade, e mesmo quando um gay é morto devido à violência doméstica ou latrocínio, é vítima do mesmo machismo cultural que leva as mulheres a serem espancadas e perder a vida pelas mãos de seus companheiros, como diz o ditado, ‘viado é mulher tem mais é que morrer!’”

Requintes de crueldade, muitos golpes, múltiplos instrumentos, tortura, latrocínio e destruição/incêndio do cadáver e patrimônio são ingredientes

característicos de muitos crimes de ódio contra as minorias sexuais: a transexual Fernanda, 30 anos, de Rio Brilhante (MS), foi apedrejada, espancada e morta numa via pública com 80 facadas; o artista plástico Cedric Madala, 33 anos, gay de Parati (RJ), foi assassinado com tiros na cabeça e sua casa incendiada; em São Paulo, o jovem gay Plínio Lima, após ser alvo de insultos homofóbicos, foi esfaqueado por dois agressores quando passeava a noite de mãos dadas com seu marido pela Avenida Paulista; o corpo da lésbica Mônica Lima, 33, de Sorocaba (SP), foi encontrado na rua com sinais de esganamento e presumível violência sexual; em Penedo (AL), Lourinaldo Ribeiro, 52 anos e seu companheiro por trinta anos, o médico Antonio Francisco Ribeiro, 56, foram cruelmente torturados dentro de sua residência, mortos a facadas; a travesti Anninha, negra e pobre, de Colatina (ES), foi decapitada, encontrada nua e castrada; Jose Ribamar Frazão, de Cachoeira Grande (MA), foi queimado ainda vivo na véspera de São João, pós ser vítima de incontáveis pauladas.

Quanto ao locus onde ocorreu o óbito, encontramos 179 (49,4%) em vias públicas, 155 (42,8%) em residências e 28 (7,7%) em estabelecimentos privados. Via de regra travestis profissionais do sexo são executadas na “pista” com tiros de revólver, pistola e escopeta, mas também vítimas de espancamento, atropelamento criminoso, pauladas e pedradas. Os gays são geralmente executados a facadas ou asfixiados e esgoelados dentro de suas residências, lançando mão o assassino de fios elétricos e lençóis para imobilizar a vítima, almofadas para sufocar e de objetos domésticos para tirar-lhes a vida. Outras formas de execução com requintes de crueldade tipificam tais execuções como crimes de ódio: enforcamento, pauladas, apedrejamento, garrafadas, muitos golpes, múltiplas formas de tortura, degolamento, desfiguração do rosto, queima do corpo. As vezes o homicida deixa por escrito seu ódio anti-lgbt.

O suicídio é a 4ª principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos no Brasil, segundo recente pesquisa do Ministério da Saúde e de acordo com a revista científica *Pediatrics*, gays, lésbicas e bissexuais, devido à homofobia, têm 6 vezes mais chance de tirar a própria vida, em relação a heterossexuais, com risco 20% maior de suicídio quando convivendo em ambientes hostis à sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Portanto, suicídios de pessoas LGBT, sobretudo jovens, sempre devem ser qualificados como potencializados pelo preconceito e discriminação por sexo e gênero, devendo constar nos relatórios de mortes desse segmento juntamente com os homicídios. Foi a partir do Relatório das Mortes de LGBT+ do Brasil de 2016 que passamos a contabilizar os suicídios e tais números vêm crescendo assustadoramente: de 26 suicídios registrados em 2016, aumentou para 58 casos em 2017 e nesse último ano subiu para 100 (23,8%) dos casos documentados, significando um aumento de 42% em relação a 2017 de mortes voluntárias, acompanhando o mesmo crescimento nacional, registrando o Brasil 11 mil mortes em 2018, 31 casos por dia. A média global mundial de suicídios entre os homens é de 5\100 mil habitantes e 8 entre as mulheres. No Brasil, a taxa total é de 6,3\100 mil. Enquanto nos países mais desenvolvidos utiliza-se, sobretudo arma de fogo para tirar a vida, nos países do terceiro mundo predomina o uso de enforcamento e venenos.

Os 100 casos de LGBT suicidas aqui referidos foram pesquisados, na sua grande maioria, em algumas raras paginas de obituários que relatam mortes e perfis das vítimas nas redes sociais e também na mídia em geral. Encontramos casos em que a vítima era assumidamente gay, lésbica ou transexual, outras vezes “dá dicas” que queria sair do armário, noutras, reclama da intolerância familiar, escolar, da vizinhança, ou alguma frustração homoafetiva. Alguns desses LGBT, mesmo sem revelar explicitamente sua homossexualidade, incluem em suas páginas do facebook fotos e gravuras que os associam ao imaginário e universo LGBT, como notícias sobre paradas gays, bandeiras do arco-íris, alguns incluindo diversos homossexuais ou transexuais na lista de suas amizades. A autocensura e o medo da repressão familiar leva muitos jovens dissidentes

sexuais e de gênero a viverem angustiadamente na clandestinidade do armário. Alguns explicitaram o sofrimento motivado pela sua homotranssexualidade, outros chegaram a gravar vídeo ou deixar mensagem nas redes sociais anunciando sua morte voluntária.

Os gays, em termos absolutos, são o segmento LGBT que mais se suicida, com 60% de óbitos, seguidos por 31% lésbicas, 6% de trans e 3% de bissexuais. As lésbicas são, em termos relativos, as principais vítimas da morte voluntária, pois representando 12% das vítimas de homicídios, sobem para 31% nos casos de suicídio. Inversamente, apenas 6% das trans se suicidaram, para 39% que foram vítimas de homicídio.

Para o pesquisador Eduardo Michels, “certamente tal diferença tão marcante se deve à maior fragilidade social das lésbicas, devido ao estigma e discriminação social que a mulher tradicionalmente ainda sofre, somada a opressão de ser homoafetivas, daí mais vulnerabilidades que causam maior sofrimento psíquico podendo levar a uma maior propensão dos quadros de depressão e suicídios entre a população LGBT”, enquanto as travestis e transexuais, mais calejadas no enfrentamento da intolerância, obrigadas a matar um leão por dia para sobreviver, por consequência tenderiam a ganhar uma “proteção” emocional mais forte, adquirida em sua rotina diária de lutas e enfrentamentos.”

Aproximadamente 67% dos suicidas LGBT foram identificados como brancos, 27% pardos e 5% pretos, tendência confirmada em pesquisas nacionais, que ratificam a pioneira asserção do pai da sociologia, Emile Durkheim, que ainda no século XIX percebeu a predominância de suicídio entre brancos pertencentes a estratos mais elevados da sociedade. Contudo, outros fatores, como a orientação sexual e a identidade de gênero, além da cor-etnia, plausivelmente pesaram mais na decisão dessas tristes mortes voluntárias.

Os dados sobre a idade dos suicidas LGBT são bastante incompletos, (37% da amostra total), permitindo-nos, contudo, antever idêntica regularidade constatada em pesquisas nacionais quanto a prevalência de suicidas jovens com menos de 30 anos, em ambos casos atingindo 80% em relação à população total. Na nossa amostra de suicidas LGBT, encontramos 10 casos com menos de 18 anos, o mais jovem com

12, Carlos Lugo, do Rio de Janeiro, pardo, enforcou-se por não agüentar as brigas familiares após assumir-se gay; também enforcou-se o jovem Erick Silva, 13 anos, de Belém do Pará, inconformado pelo constante bullying sofrido na escola por ser efeminado.

51% dos suicidas estavam entre os 19-30 anos, 27% entre 31-40 anos e pouco mais de 5% com mais de 50 anos. Apesar de se repetir que a velhice solitária dos LGBT é fator de grande stress pessoal, tais dados revelam maior resistência à depressão suicida do que os mais jovens.

Quanto a causa mortis das LGBT suicidas, novamente a prevalece a subnotificação, havendo, dentre os 100 registros, apenas 23 casos com tal informação, predominando 15 mortes por enforcamento, 3 casos de auto-lançamento de prédios e ponte, 3 auto-envenenamentos e apenas um caso de uso de arma de fogo – forma de suicídio mais comum nos países mais ricos.

Registraram-se mortes violentas de LGBT+ em todos os 26 estados e no Distrito Federal, distribuídos em 232 municípios. Os estados que notificaram o maior número de homicídios e suicídios de LGBT+ em 2018 em termos absolutos foram São Paulo com 58 vítimas, Minas Gerais com 36, Bahia e Alagoas com 35 cada e o Rio de Janeiro, 32 mortes. Também neste quesito percebe-se a variação imprevisível e inexplicável destes picos de mortalidade, já que Alagoas e Rio de Janeiro não constavam no ano anterior na lista dos 5 estados onde mais LGBT foram mortos. Infelizmente não há lei sociológica que permita esclarecer nem prever tais oscilações. No outro extremo, os estados menos violentos foram Amapá com 1 morte, Acre e Roraima com 2 cada.



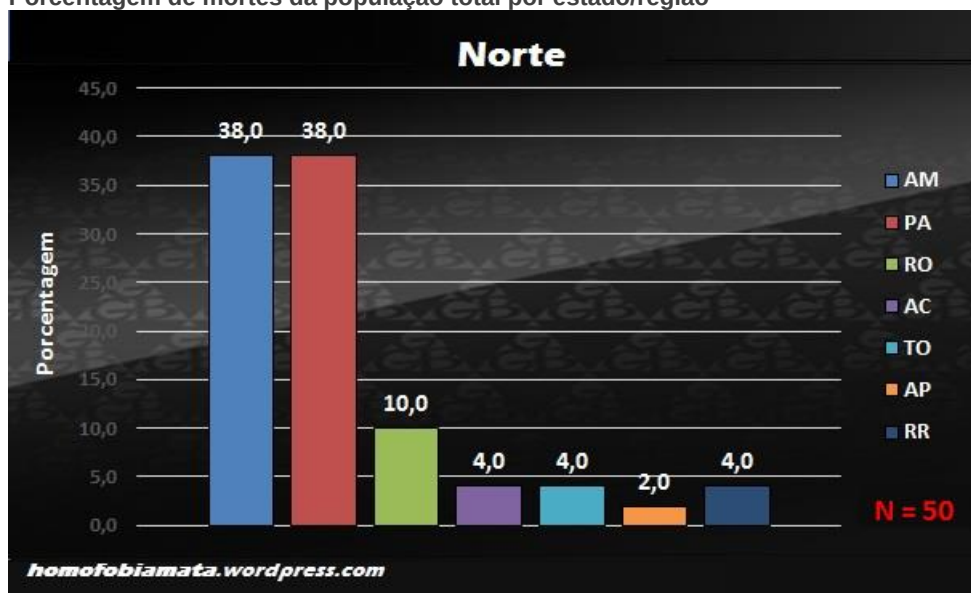
NORTE E CENTRO-OESTE

Se focarmos a análise em termos relativos à nossa distribuição demográfica regional, encontramos um total de 2,01 LGBTQ+ mortos por milhão de habitantes, observando-se uma diminuição em relação ao ano anterior (2,47) de 0,46. No Brasil a taxa é de 300 assassinatos por 1 milhão de habitantes. Três regiões apresentaram taxas mais elevadas que a nacional: Norte e Centro-Oeste (2,80) e Nordeste (2,57). O Nordeste, que há décadas liderou as estatísticas de crimes homofóbicos, há 6 anos baixou para segundo e agora o terceiro lugar nessa lista macabra, explicando-se talvez tal “bonança” mais pela melhoria do registro criminológico e da coleta de informações nas mídias das outras regiões do que por efetiva redução de mortalidade.

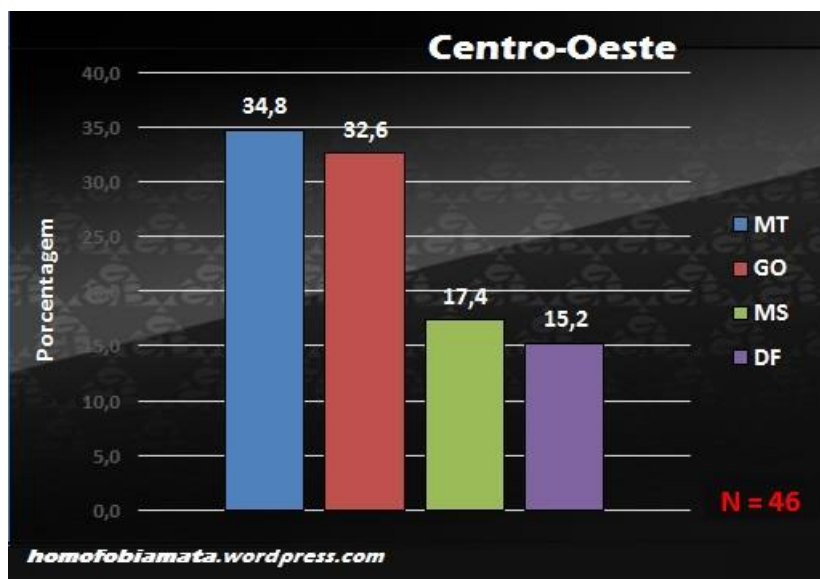
A região menos violenta é o Sul (1,34) seguida do Sudeste (1,56). Nossos estados meridionais são proporcionalmente os mais tolerantes às minorias sexuais e essa sim, parece ser uma tendência sociológica observada nos relatórios anuais de mortes de LGBTQ+: quanto maior o índice de desenvolvimento humano (IDH), menor tende a ser a violência contra as minorias sexuais.

No Norte e Centro-Oeste, ambas regiões com média de 2,80 LGBTQ+ mortos por milhão de habitantes, lidera o Amazonas (4,66) seguido do Mato Grosso (4,65). No sentido oposto, Amapá é o estado menos violento (1,21 mortes por milhão de habitantes) e Goiás (2,02). Em todo o Brasil, Alagoas, é o estado mais perigoso para os LGBTQ: 6,02 de risco de morte, quando a média nacional é 2,01. Maceió, igualmente, lidera a lgbtfobia dentre as capitais.

Porcentagem de mortes da população total por estado/região



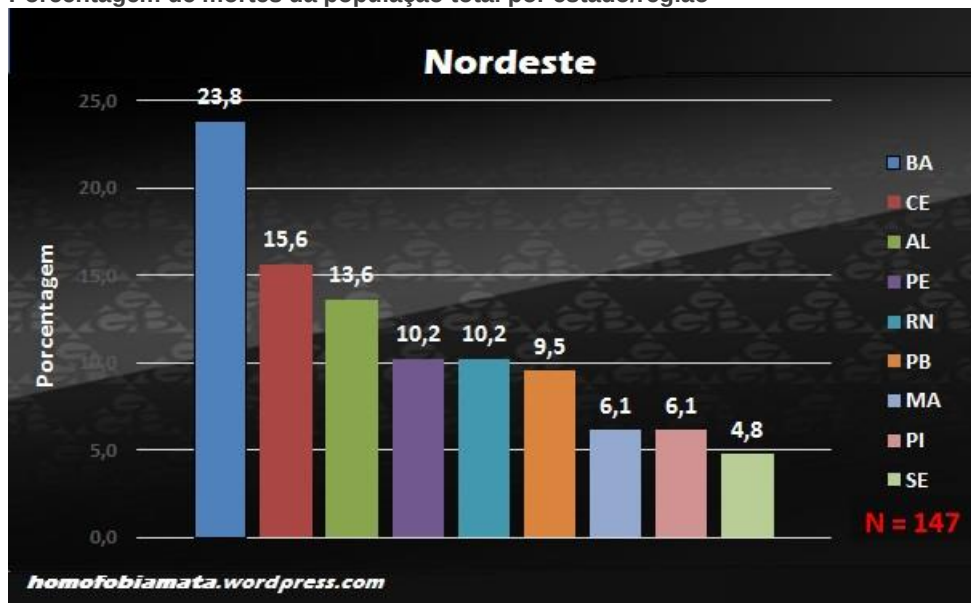
Porcentagem de mortes da população total por estado/região



NORDESTE

No Nordeste, com 2,57 de mortes por milhão de habitantes, 0,56 superior à média nacional, Alagoas é o estado mais violento, com 6,02 mortes por milhão de LGBT+ mortos, seguido do Rio Grande do Norte (4,31) e Paraíba (3,50). Pernambuco que em décadas passadas era a região mais violenta, reduziu a mortalidade para 1,58 e o Maranhão, foi menos violento em 2018, com 1,28 mortes em cada milhão.

Porcentagem de mortes da população total por estado/região



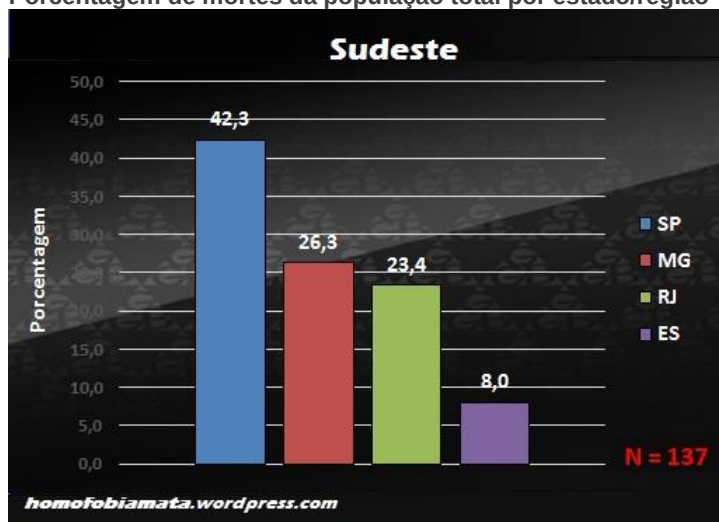
SUDESTE E SUL

Na região sudeste e sul, apenas o Espírito Santo apresenta índice superior a média nacional: 2,77 mortes por milhão de habitante, todos os demais 8 estados têm números inferiores. Os estados menos lgbtfóbicos, em termos de violência letal, são Santa Catarina com 0,85 mortes por um milhão e Rio Grande do Sul, 0,97. Malgrado sua má fama, no Rio de Janeiro o índice de mortes de LGBT é 1,86 enquanto no estado de São Paulo, 1,27.

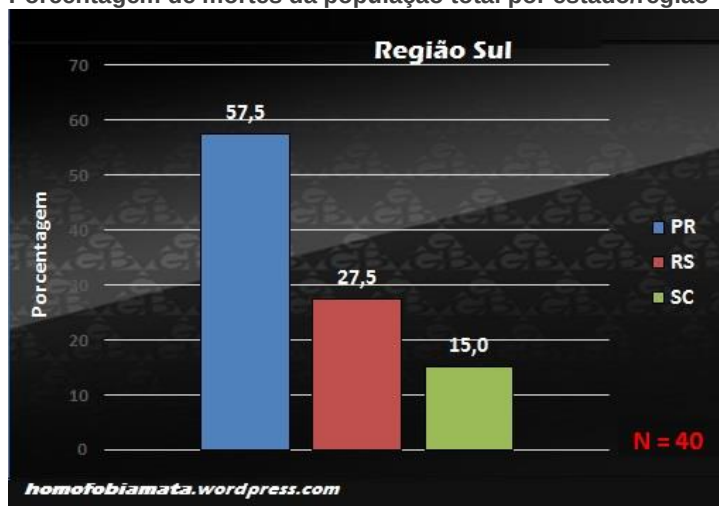
Analizando os homicídios e suicídios de LGBT+ em 2018 nas capitais, em números absolutos chama atenção que São Paulo, Manaus e Fortaleza registraram o mesmo número, 8 mortes, sendo que a metrópole paulistana, com mais de 12 milhões de habitantes, é quase seis vezes mais populosa que Fortaleza e Manaus.

Maceió é a capital mais lgbtfóbica do Brasil em termos relativos: 5,83 mortes por um milhão de habitantes, sendo a média nacional 2,01 LGBT+. Manaus, Fortaleza e Recife ultrapassam 3 LGBT mortos para cada milhão de habitantes, e surpreendentemente, Belo Horizonte é a menos violenta, com 0,40, seguida de São Paulo (0,66), Salvador (0,68) e Rio de Janeiro, (0,77).

Porcentagem de mortes da população total por estado/região



Porcentagem de mortes da população total por estado/região



Índice de assassinatos de LGBT+

	<i>Estados</i>	<i>Homicídios</i>	<i>Índice*</i>
1º	Alagoas	20	0,602
2º	Amazonas	19	0,466
3º	Mato Grosso	16	0,465
4º	Rio Grande do Norte	15	0,431
5º	Paraíba	14	0,350
6º	Roraima	2	0,347
7º	Rondônia	6	0,341
8º	Mato Grosso do Sul	8	0,291
9º	Espírito Santo	11	0,277
10º	Piauí	9	0,276
11º	Sergipe	6	0,263
12º	Ceará	23	0,253
13º	Acre	2	0,241
14º	Bahia	35	0,236
15º	Distrito Federal	7	0,235
16º	Pará	19	0,223
17º	Paraná	23	0,203
18º	Goiás	14	0,202
19º	Rio de Janeiro	32	0,186
20º	Minas Gerais	36	0,171
21º	Pernambuco	15	0,158
22º	Tocantins	2	0,129
23º	Maranhão	9	0,128
24º	São Paulo	58	0,127
25º	Amapá	1	0,121
26º	Rio Grande do Sul	11	0,097
27º	Santa Catarina	6	0,085

*A cada 100 mil habitantes. Fonte: Grupo Gay Bahia

Crimes contra minorias sexuais geralmente são cometidos de noite ou madrugada, em lugares ermos ou dentro de casa, dificultando a identificação dos autores. Quando há testemunhas, muitas vezes estas se recusam a depor, devido ao preconceito anti-LGBT. Policiais, delegados e juízes manifestam sua homotransfobia ignorando tais crimes, muitas vezes negando sem justificativa plausível sua conotação homofóbica.

Somente em 8% desses homicídios o assassino foi identificado nas matérias jornalísticas, 25 num total de 320 crimes letais. Infelizmente a falta dessa informação crucial redundou em que um número ínfimo desses homicídios sejam investigados pelas delegacias locais, que não chegam a abrir inquérito e raramente encaminham informação policial ao fórum. Conforme dados oficiais da *Estratégia Nacional de Justiça e Segurança Pública*, somente 4 a 5% dos homicídios dolosos são solucionados no país, daí suceder, com certeza, que crimes contra LGBT oferecerem ainda mais difícil solução, por serem cometidos na calada da noite e lugares ermos, com seus autores ocultando ainda mais sua identidade com medo do estigma social e homofobia internalizada. Dentre esses criminosos de LGBT identificados, praticamente a metade mantinha contactos próximos com a vítima, seja como companheiro atual, ex-amante e parentes da vítima. Clientes, profissionais do sexo, michês e desconhecidos em sexo casual são os responsáveis pela grande maioria desses crimes de ódio, muitos caracterizados criminalmente como latrocínio.

Para o fundador do GGB, Prof. Luiz Mott, “cai por terra, portanto, a presunção preconceituosa dos que negam o caráter lgbtfóbicos dos latrocínios, alegando também, sem provas, que a maioria dos autores de tais homicídios seriam os próprios namorados das vítimas. Latrocínios, inapelavelmente, devem ser tipificados como crimes lgbtfóbicos pois a vulnerabilidade física e social sobretudo de gays mais efeminados, mulheres trans e travestis age no imaginário dos assassinos como estímulo para tais execuções seguidas de furto.”

Qual o reflexo da onda Bolsonaro no LGBTfobia no Brasil?

Durante a última campanha eleitoral, mais de uma dezena de indivíduos LGBT em diversas cidades do Brasil denunciaram nas redes sociais e na mídia terem sido vítimas de insultos e agressões físicas praticados por supostos seguidores do presidente Jair Bolsonaro. Um vídeo foi divulgado nas redes sociais documentando no Metrô de São Paulo um grupo de torcedores de futebol gritando “Bolsonaro vai matar viado!”. Apesar de ter-se criado certo pânico nas redes sociais e listas LGBT, no tocante à violência letal, felizmente não se detecta aumento de mortes das minorias sexuais nem durante o tenso período da campanha eleitoral, nem neste primeiro mês do Presidente Bolsonaro: em 2018 a média anual de mortes por mês foi de 35 vítimas, sendo que nos dois primeiros meses do ano, atingiu o pico de 47 e 46 LGBT+ mortos, reduzindo para 27 e 38 nos dois últimos meses após as eleições, diminuição de 17% entre o início e o fim de 2018. E se compararmos esse primeiro mês do Governo Bolsonaro com os sete últimos meses de janeiro entre 2012-2018, observamos uma média de 36,8 de mortes, sendo registrados até a data desta publicação, 28 mortes, com uma projeção de 35 óbitos para esse mês de janeiro de 2019, taxa igualmente inferior aos anos anteriores. Registre-se que os meses de janeiro mais violentos para a comunidade LGBT foram em 2018 no governo Temer (47 mortes) e Dilma em 2014 (44 mortes).

Tais dados, contudo, não aliviam a enorme preocupação e alerta da comunidade LGBT+, notadamente de suas lideranças organizadas, em relação a tantas declarações gravemente lgbtfóbicas de Jair Bolsonaro durante seus mandatos parlamentares. Estaremos atentos para reagir a qualquer posicionamento ou retrocesso contra a cidadania da população LGBT, cobrando suas declarações já como Presidente da República, quando disse no Congresso que “a Constituição é o único norte da democracia” e ainda mais,

“A agressão contra gays e qualquer um semelhante tem que ser punida na forma da lei. E se for por um motivo torpe como esse, tem que ter sua pena agravada.”

Outra questão polêmica é o cruel assassinato ainda não esclarecido da vereadora Marielle Franco, a quem esse relatório é dedicado. Lésbica cassimida, casada com a arquiteta Monica Tereza Benício, autora de projetos de proteção cidadã à comunidade LGBT, participante das Paradas do Orgulho do Rio de Janeiro. Mesmo que a principal linha de investigação sugira tratar-se de um crime de mando, vingança de marginais, diversas lideranças LGBT, sobretudo lésbicas, inclusive sua viúva têm questionado: o assassinato de Marielle não teve absolutamente nenhuma conotação de lesbofobia? Sua reconhecida condição de lésbica e defensora das minorias sexuais, não foi nunca mencionada, preconceituosamente, pelos assassinos, tipo referindo-se a ela como sapatona? Zero de lesbofobia? Nossa experiência de 40 anos de militância e registro de mais

de 4 mil crimes lgbtfóbicos permite-nos o benefício da dúvida e o reconhecimento de nossa expertise, razão pela qual incluímos Marielle Franco nesse Relatório de Mortes de LGBT+ de 2018.

O GGB disponibiliza em seu site o banco de dados completo com todas as notícias de jornal, vídeos, tabelas e gráficos sobre todos os assassinatos e mortes de LGBT com relatórios minuciosos desde 2011 até o presente de 2018, assim como o manual “Gay vivo não dorme com o inimigo” como estratégia para erradicar esse “homocausto”.

SOLUÇÃO CONTRA CRIMES HOMOFÓBICOS

Para o fundador do GGB, antropólogo Luiz Mott, “há cinco soluções emergenciais para a erradicação dos crimes homotransfóbicos no Brasil: educação sexual e de gênero para ensinar aos jovens e à população em geral o respeito aos direitos humanos e cidadania dos LGBT; aprovação de leis afirmativas que garantam a cidadania plena da população LGBT, equiparando a homofobia e transfobia ao crime de racismo; políticas públicas na área da saúde, direitos humanos, educação, que proporcionem igualdade cidadã à comunidade LGBT; exigir que a Polícia e Justiça investiguem e punam com toda severidade os crimes homo/transfóbicos e finalmente, que os próprios gays, lésbicas e trans evitem situações de risco, não levando desconhecidos para casa e acertando previamente todos os detalhes da relação. A certeza da impunidade e o estereótipo do LGBT como fraco, indefeso, estimulam a ação dos assassinos.



GGB - 38 ANOS

A mais antiga
associação
Brasileira de
defesa dos direitos
gays no Brasil em
prol dos Direitos
Humanos



Informações do Grupo - GGB

O Grupo Gay da Bahia é a mais antiga associação de defesa dos direitos humanos voltada a população LGBT no Brasil. Fundado em 1980.



Prof. Dr. Luiz Mott

Fundador Presidente de Honra

luizmott@oi.com.br



Marcelo Cerqueira

Presidente

Tel (71) 9989 4748

marcelocerqueira@atarde.com.br



Eduardo Michels

Pesquisador

Hemeroteca – Banco de Dados

<https://homofobiamata.wordpress.com>

Informações de Contato

GRUPO GAY DA BAHIA (GGB)

Rua Frei Vicente, 24 – Pelourinho

40.010.025 – Salvador, Bahia, Brasil

Tel / fax 55 (71) 3322 2552

e-mail: ggb@ggb.org.br–ggbbahia@gmail.com

<https://grupogaydabahia.com.br/>



LGBTFOBIA/CALENDÁRIO

ARTISTA, Eduardo Barbosa.

Detalhe, Isogravura / instalação. Musa - UFPR, 2017.



Fotografia por Felipe Roehrig Pacheco

O trabalho [LGBTFOBIA/CALENDÁRIO](#) foi construído partindo da necessidade de denúncia e de visibilidade ao aumento considerável dos casos de assassinato e violência contra a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais Travestis e Transexuais (LGBT) no Brasil. A proposta do trabalho é que para LGBT assassinado no Brasil no ano de 2017 uma gravura seria feita, os dados foram colhidos do banco de dados “Quem a homotransfobia matou hoje?” /banco de dados Online que coleta casos de LGBTfobia no Brasil e disponibiliza os dados para a População.